

l'aménagement du territoire est, en réalité, l'aménagement de notre société¹,

Claudius Petit, 1962.

O DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E BEM ESTAR

Resumo:

Analisaremos o conceito de Bem-estar e de Desenvolvimento Humano, à luz da presente crise social, integrando numa perspectiva holística o desenvolvimento sustentável e a economia solidária. O modo como nos distribuímos e organizamos no espaço que ocupamos é um promotor do nosso bem estar, pois fomenta o capital social, a discussão e acção colectiva e finalmente contribui para a produção de melhores cidadãos. Assim, este é o trabalho base de intervenção na sociedade, competindo aqui ao sociólogo efectivar as 3 funções da sua profissão: a de produzir informação que ajude a melhor decidir; disseminando-a e promovendo a participação cívica nos processos de decisão; e a de engenheiro social, pela correcção/introdução de elementos concretos que proporcionem uma sociedade mais saudável, nomeadamente aquando do planeamento e distribuição das actividades humanas no território.

Palavras-chave: Bem-estar, desenvolvimento sustentável, participação cívica, ordenamento do território

Abstract :

We will analyze the concept of Wellbeing and Human Development, at the light of the present social crisis, integrating in a holistic view the sustainable development and solidary economy. The way we distribute and organize in the space we occupy is a promoter of our wellbeing as it fosters the social capital, the discussion and collective action and ultimately contributes to the production of better citizens. Therefore this is the base work for intervention in society,

¹ "O ordenamento do território é, na realidade, o ordenamento da nossa sociedade"

competing to the sociologist exercise the 3 functions of their profession: to produce information that will help decide the best; disseminating it and promoting the civic participation in decision-making; and of the social engineer, by the correction / introduction of concrete elements that will provide a healthier society, particularly in the planning and distribution of human activities in the territory.

Keywords : Wellbeing, sustainable development, civic participation, territorial planning

No âmbito do ordenamento do território tornou-se crucial apreender as vivências, as condutas, os problemas, as necessidades e os desejos das pessoas. Só assim é que será possível desenvolver um trabalho mais adequado junto dos indivíduos que residem permanente ou temporariamente numa área de intervenção específica. A importância do espaço que ocupamos e a forma como se reflete em todas as esferas da vida, o modo como propicia bem-estar, satisfação e felicidade, ou pelo contrário os inibe pelas condições ambientais degradantes em que se vive, é determinante para a qualidade de vida daqueles que o habitam.

A forma como o desenvolvimento económico perseguido nos dois últimos séculos foi alimentado, provocou desequilíbrios na homeostasia do planeta e em todos os sistemas vitais que o suportam, privando-os da sua capacidade de regeneração e, consequentemente, acelerando a degradação ambiental de modo transversal. O paradigma de desenvolvimento nascido da revolução industrial, se bem que contribuiu para o desenvolvimento tecnológico e o relativo bem-estar e conforto de uma parte da população mundial, aumentou contudo a precariedade de mais de 2 terços da restante população, agravando o fosso entre os ricos e os pobres, e potenciando as condições de miséria em que estes vivem pelo esgotamento dos recursos endógenos, que noutras eras permitiam a essas populações sobreviverem.

A deterioração ambiental do território que ocupamos, a sua artificialização; a qualidade duvidosa dos alimentos que ingerimos; o desequilíbrio e crescimento exponencial da população humana; os dogmas das religiões monoteístas, o

exacerbamento do individualismo e a alienação dos valores humanos; o excesso de trabalho e *burnout*, o excesso de consumo, o excesso de viagens, o stress e a pressa, a combustão necessária para acelerar todos estes processos... tudo o que alcançámos com e em prol do desenvolvimento económico pôs em causa o bem-estar, nosso e do planeta, talvez de modo irreversível. Tudo o que este desenvolvimento se propunha alcançar face aos resultados oferecidos não compensou tudo o que se perdeu no processo. O modelo assente no desenvolvimento económico tem sido posto em causa desde a 2^a metade do século XX, contudo o poder dos lobbies capitalistas remeteram para o ridículo todas as vozes que se contrapuseram ao crescimento desmesurado e alienação dos valores humanistas.

O Bem-estar

O conceito de Bem-estar foi definido nos anos 20 por Pareto, mas antes dele já Adam Smith se a ele referia como o somatório do resultado económico da economia de mercado. O conceito óptimo de Pareto afirmava que o Bem-estar colectivo é aquele em que ninguém pode ganhar sem que o outro perca o equivalente. Esta perspectiva economicista de ambos determinou a forma como se iria dar o desenvolvimento humano, iniciado na revolução industrial.

Com o descalabro das desigualdades sociais gerado por este paradigma e pelos danos ao ambiente. Nos anos setenta, o conceito de bem-estar começou a deslocar-se da riqueza material e focou-se mais na insatisfação das necessidades humanas fundamentais. Perfilhando a pirâmide das necessidades de Maslow, a teoria das *basic needs* veio chamar a atenção para o que é realmente fundamental para a sobrevivência: Alimentação, Agasalho e Abrigo – os 3 A's.

Já na década de 90, surge o conceito de Desenvolvimento Humano – *Uma vida digna com a satisfação das necessidades básicas, acesso ao conhecimento,*

acesso a uma vida longa e saudável, em liberdade², em igualdade de oportunidades e em segurança.

O Bem estar é o resultado do Desenvolvimento humano. E este é medido por indicadores contidos nas variáveis enunciadas no próprio conceito utilizado. É a partir dos dados recolhidos pelas Nações Unidas e Banco Mundial que são conhecidos os índices de desenvolvimento humano (IDH) e a partir dos quais se definem as políticas globais para o Desenvolvimento, que se viabilizam pela sua implementação localmente. E que deveriam ser aplicadas pelas organizações internacionais e, supostamente, pelos governos que a teriam como prioridade. O Bem-estar é a concretização do Desenvolvimento Humano.

Actualmente a questão do Bem-estar tem sido alvo de pesquisa por investigadores de diferentes espectros, economistas, sociólogos, psicólogos, urbanistas, etc., suscitando a necessidade de uma abordagem interdisciplinar. Os resultados dos estudos mais recentes relativamente ao Bem-Estar têm sido unâimes ao concluir que as relações sociais são mais importantes que os bens materiais. E que o crescimento no consumo destes últimos como forma de compensação da falta de relações sociais, da solidão, só garante a felicidade a curto prazo. Afirma-se que na base do Bem-estar está o capital social e não o capital financeiro “In recent years, animated interdisciplinary discussion has been fuelled by the evidence that, in the long-term, people's subjective well-being is not significantly influenced by increases in their income. Other factors, as the quality of intimate and social relationships that individuals experience, have a greater influence on their well-being.³” (Bartolini, 2010:20). O autor aqui citado, evidenciou na conferência que apresentou no ciclo de conferências doutorais do ISCTE a 27 de Junho de 2011, reportando-se a indicadores estatísticos, que de facto, o capital social importa mais a médio e longo prazo, que o capital financeiro cujo prazer proporcionado é imediato e efémero. Também na obra de Wilkinson e Pickett, *the spirit level*, esta frase ilustra na perfeição a simplicidade desta ideia “ As you get more and more of

² Introduzido por Amartya Sen, nobel da economia 1998

³ “Em anos recentes, uma animada discussão interdisciplinar tem sido alimentada pela evidência que, a longo prazo, o bem estar subjectivo das pessoas não é significativamente influenciado pelos aumentos nos seus rendimentos. Outros factores, tais como a qualidade das relações intimas e sociais que os indivíduos experienciam, têm uma maior influência no seu bem estar”

anything, each addition to what you have – whether loaves of bread or cars – contributes less and less to your wellbeing. If you are hungry, a loaf of bread is everything, but when your hunger is satisfied, many more loaves don't particularly help you and might become a nuisance as they go stale⁴" (W&P, 2010:10). Dito desta forma parece-nos óbvio que o aumento de riqueza não traz acréscimo à felicidade.

Nem a súbita riqueza, nem os grandes azares afectam determinantemente a felicidade, pois com o decorrer do tempo as pessoas ou sociedades tendem a regressar ao seu nível básico de bem-estar e a recompor-se.

O que conta no final não é possuir, é sim a opinião que o nosso grupo de referência tem de nós e é com base nessa opinião que desenvolvemos as nossas acções, o reflexo que nos é transmitido pelos outros condiciona o nosso estado de espírito e determina as nossas acções futuras.

Parsons ensinou-nos que a acção humana é ela mesma determinada pelas construções colectivas que vão muito além das normas e regras que condicionam a acção individual, Giddens acrescentou que estas construções constituem-se mesmo como estruturas que se reproduzem e actualizam pela permanente acção social. As nossas acções se bem que voluntárias são determinadas pelo contexto em que nos inserimos e não são assim tão livres, pois de facto preocupamo-nos com o que os outros pensam de nós.

Espinosa, emérito Alentejano exilado, a propósito da acção já dizia que "Onde os homens têm direitos comuns e todos são conduzidos como que por uma só mente, é certo que cada um deles tem tanto menos direito quanto os restantes juntos são mais potentes que ele, ou seja, não tem realmente sobre a natureza nenhum direito para além daquele que o direito comum lhe concede. Quanto ao mais tem de executar aquilo que por consenso comum lhe é ordenado, ou é coagido a isso pelo direito" (Espinosa, 1677;2008: 87). O homem é coagido na sua acção pelo *direito da natureza* e pelo *direito civil*, ou seja, pela natureza e

⁴ "Á medida que conseguimos mais e mais de qualquer coisa, cada adição ao que já temos – sejam fatias de pão ou carros – contribuem cada vez menos para o nosso bem estar. Se tiver fome, uma fatia de pão é tudo, mas quando a sua fome estiver satisfeita, muitas mais fatias não o ajudam particularmente e podem tornar-se um incómodo à medida que se vão estragando"

pela sociedade. Este Humanista fez filosofia social, teoria critica da sociedade e também ele sonhava com uma sociedade ideal.

Já no séc. XVII definia a democracia directa ou governança como: “O direito á expressão de opiniões, assim como a multiplicidade dos participantes na decisão, constituem, pois, requisitos para que se preserve a liberdade e, ao mesmo tempo, para que se multipliquem as hipóteses de transparência e de uma decisão acertada. A exposição e o confronto da diversidade natural são um método racional e profundo” (p.46).

Nestes dois últimos séculos de desenvolvimento económico, visto como o meio para melhorar a condição humana, toda a organização social tomou a economia de mercado como a prioridade, condicionando as nossas accções colectivas e individuais no sentido de a promover e de nela vivermos integrados. Estudos contemporâneos interdisciplinares realizados neste domínio⁵ do bem estar e desenvolvimento, têm revelado que o crescimento económico não incrementa a percepção que os indivíduos tem da sua condição, o que conta no final é a opinião positiva dos outros, a qual só se consegue alcançar pelo incremento das relações sociais. Deste modo, o primado do bem-estar humano deveria passar a focar-se no capital social, em detrimento do capital financeiro, assim defendem estes e muitos outros cientistas sociais. Entendendo-se que o termo capital social traduz o grau de sociabilidade, as relações humanas e sociais.

Todas as coisas que nos proporcionavam relações sociais próximas e que eram gratuitas, tais como a segurança, confiança e felicidade têm vindo a desaparecer, de forma especialmente célere neste início de século. Na ausência de conforto social, a sua compensação é satisfeita pelos produtos fornecidos pela economia de mercado, quer consumindo em excesso para suprir as carências, quer substituindo-as por outros bens que preenchem a sua falta “lacking the relaxed social contact and emotional satisfaction we all need,

⁵ Helliwell (2001), Helliwell and Putnam (2004), Bruni and Stanca (2008), Becchetti, Pelloni, Rossetti (2008)), Becchetti et al. (2009), Bartolini, Bilancini and Sarracino (2009b) – referidos em Bartolini, Stefano, *Sociability Predicts Happiness over Time: Evidence from Macro and Micro Data, (October 2009); the Third OECD World Forum on ‘Statistics, Knowledge and Policy’, South Korea; Wilkinson e Pickett (2009)*, etc.

we seek comfort in over-eating, obsessive shopping and spending, or become prey to excessive alcohol, psychoactive medicines and illegal drugs (...) the luxury and extravagance of our lives is so great that it threatens the planet”⁶ (W. & P., 2010: 3). Referem ainda estes autores que estudos realizados pela *Harwood Institute for Public Innovation* nos EUA revelam que as pessoas sentem que o materialismo interfere na satisfação das suas necessidades sociais, na medida em que a competição pela posse, para manter as aparências (*keeping up with the Joneses*) chega a extremos degradantes, especialmente visível nas camadas mais jovens, com a apologia dos produtos de marca pela aceitação social dos seus pares, patente na dura competição nos liceus americanos, imagem exportada pelas telenovelas (*soap operas*) para todo o mundo.

No entanto também é facto incontestável que, a qualidade das relações sociais assentam numa base material e as diferenças de rendimentos determinam a forma como nos relacionamos uns com os outros. Pois, para além de todo o supérfluo as 3 necessidades básicas, na nossa civilização, só se conseguem prover com dinheiro. A partir daqui a desigualdade de rendimentos tem efeitos profundos no bem-estar individual e o seu crescimento está na origem das actuais crises sociais e económicas que vivemos.

⁶ Na ausência de contactos sociais descontraídos e satisfação emocional que todos precisamos, procuramos conforto na comida em excesso, nas compras e gastos compulsivos, ou tornamo-nos presas do alcoolismo medicamentos psico-activos e drogas ilegais (...) o luxo e extravagância das nossas vidas é tão grande que ameaça o planeta”

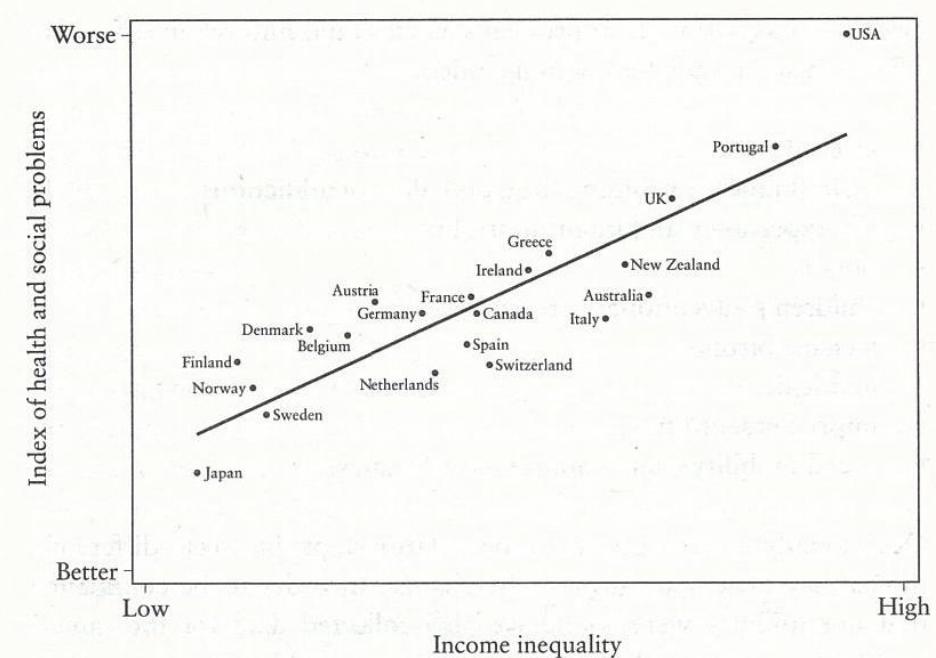


Figure 2.2 *Health and social problems are closely related to inequality among rich countries.*

Fonte: Wilkinson & Pickett, 2010:p20

O quadro apresentado é ilustrativo da relação, que se constata nesta obra, entre desigualdade nos rendimentos e os problemas sociais e de saúde, é clara a dependência existente entre o agravamento dos problemas de saúde e sociais que afectam as populações dos países onde a diferença de rendimentos apresenta maiores diferenças. Todas as restantes variáveis analisadas seguem o mesmo padrão, quando comparadas com a desigualdade de rendimentos: o nível de confiança entre as pessoas, as doenças mentais, a esperança de vida e mortalidade infantil, a obesidade, o desempenho escolar das crianças, a gravidez na adolescência, homicídios, taxas de ocupação das prisões e mobilidade social; Todas as variáveis foram analisadas nos vinte países da OCDE, com dados provenientes do banco mundial, OCDE, ONU... O triste lugar ocupado por Portugal, só é suplantado pelos EUA como o país onde há mais desigualdade.

Se bem que neste artigo o tema fulcral seja a ocupação do território, o conceito de Bem-estar e a sua interdependência com o Desenvolvimento são

fundamentais para explicar a sua importância, dai este prelúdio. Pois, este conceito relaciona-se directamente com a vida da sociedade e com o modelo de desenvolvimento que se busca. A forma como organizamos o espaço que ocupamos estará na base de uma nova sociedade, da qual adiante nos ocuparemos.

Seguindo sempre um paradigma holístico ao estudar a realidade, é natural que se tenham de abordar outros saberes, tais como a psicologia, que para uma melhor compreensão da felicidade humana, destaca o papel fulcral das motivações na satisfação do prazer, distinguindo as motivações intrínsecas, como aquelas que encontram o valor em si próprias, tal como trabalhar por prazer; são motivações internas como a amizade, as relações sociais, o sentido cívico e o gosto, que nos fazem agir sem esperar nada em troca; das motivações extrínsecas, que são as que usam um meio para alcançar um fim, trabalhar para ganhar dinheiro para poder comprar prazer; ou seja que são externas à actividade em si, visam uma recompensa, como o dinheiro.

Existe um perigo real quando se substituem na sociedade as motivações extrínsecas pelas intrínsecas, pois estas acabam por se desvanecer e só muito dificilmente podem ser recuperadas, tais como: a subsidiodependência versus trabalho comunitário; os prémios versus redistribuição de lucros; avaliação abstracta dos funcionários públicos e reconhecimento real dos seus contributos; a estimulação da competição em detrimento da cooperação, a economia solidária pela economia do lucro, etc. Temos de ter justificações para os nossos actos, atribuindo-lhe um sentido, quando fazemos algo por cooperação em vez de por competição e, nos passam a pagar para fazermos o mesmo, uma vez cessado o pagamento já não o voltamos a fazer pela razão inicial.

O materialismo consiste na atribuição de grande importância na vida às motivações extrínsecas e baixa prioridade às motivações intrínsecas. A economia de mercado coloca as pessoas em contacto mas por razões instrumentais, com interesses pessoais ou materiais, tudo o que gere lucro material.

O termo de Bem-estar, tal como evoluiu até hoje enquanto Desenvolvimento Social, relaciona os conceitos de satisfação e de felicidade. A satisfação imediata de necessidades produz felicidade, enquanto a persistência de necessidades por satisfazer causa Infelicidade. Sendo que o grau de satisfação necessário para produzir felicidade depende da integração social, das experiências do passado, das comparações com outros e dos valores pessoais.

Durante o Iluminismo, defendeu-se que o propósito da existência da Humanidade é a vida em si mesma, e não a vida devotada ao serviço do Rei ou de Deus. Com esta revolução nas mentalidades, o desenvolvimento pessoal e a felicidade tornaram-se valores centrais. A sociedade é vista, pela primeira vez, como um meio de proporcionar aos cidadãos a satisfação das suas necessidades para uma vida melhor. Nasceram os grandes valores do humanismo – liberté, égalité... fraternité.

Com a revolução industrial, o crescimento económico e o lucro tornam-se o cerne da sociedade e as questões humanistas passam para um segundo plano, contudo a industrialização põe em evidencia as condições de vida dos operários e a preocupação com o seu bem estar, nascendo daqui o movimento que viria a dar forma à Sociologia.

No pós guerra do séc. XX, com a globalização do crescimento industrial e perante as consequências provocadas, o novo tema de *limites para o crescimento económico* surge na agenda política e no final deste período verifica-se gradualmente uma mudança para os valores pós-materialistas, a que ainda hoje se assiste. O termo qualidade de vida é introduzido, procurando sublinhar que existe mais na condição humana do que o bem-estar material. Até mesmo a *Constituição da República Portuguesa* inclui, expressamente na alínea d), do artº 9º a promoção do Bem-Estar do povo como um tarefa fundamental do estado, “Promover o bem-estar e a qualidade de vida do povo e a igualdade real entre os portugueses, bem como a efectivação dos direitos económicos, sociais, culturais e ambientais, mediante a transformação e modernização das estruturas económicas e sociais”. Já aqui se indica que o

bem estar vem da igualdade e da qualidade de vida, incumbindo ao estado a sua garantia pela modernização das suas instituições.

O problema central que se relaciona directamente com o desenvolvimento económico, para além do da degradação social, é o da degradação ambiental, o lucro e o poder que alguém terá. Pois tanto um como outro domínio, quanto mais degradados vão ficando, em melhores fontes de rendimento se constituem para a economia de mercado, garantindo assim a sua própria perpetuação, na medida em que se geram brechas de mercado e novas oportunidades de negócios. Vejamos a desagregação familiar e a quebra de relações inter-geracionais, a relação entre a falta de tempo para os outros e o crescimento proporcional de lares de 3^a idade, de creches e ATL's; ou as profissões e os produtos relacionados com a segurança, a sua relação com o medo e falta de confiança nos outros, nos EUA 1 em cada 4 trabalhadores têm a sua profissão relacionada com segurança (Bartolini, conferência, 2011); o crescimento das vendas de aparelhos de home-entertainment, para quebrar a solidão daqueles que trabalham demais e no processo perderam os amigos; o aumento da obesidade pelo prazer e conforto imediato que sentimos com a comida, etc., as pessoas felizes não consomem!

Na conferência referida, Bartolini identificou como a primeira causa da infelicidade dos americanos, o aumento do rendimento dos vizinhos. Como segunda a diminuição dos bens relacionais, cujos indicadores apontam para o aumento da solidão, a falta de confiança, a instabilidade das famílias, o medo dos outros, o isolamento e quebras geracionais, o declínio do empenho cívico, da solidariedade e da honestidade. Como terceira causa, a falta de confiança nas instituições (governo, justiça, bancos, educação, saúde, religião...). Em conclusão, assistimos a que o país no mundo que mais desenvolvimento económico atingiu é também o país mais infeliz do mundo. Aquilo que sempre nos disseram que *o dinheiro não traz felicidade* provou-se agora ser verdade, “que ajuda...” só a curto prazo! “The origin of the crisis lies in the consumption

bulimia of Americans and the latter lies in their growing relational poverty⁷ » (Bartolini, 2010:p.37).

A ausência de confiança uns nos outros é um flagelo que dilacera a nossa sociedade; a coesão do grupo é quebrada e o isolamento alimenta o medo, em reacção o aumento da criminalidade fruto da desigualdade crescente e do sentimento de inferioridade e de ameaça permanente em que se vive. Na verdade a confiança é fulcral para o bem-estar dos animais gregários, o nosso cérebro primitivo ainda liberta endorfinas que nos fazem sentir bem, quando cooperamos com outras pessoas, mesmo com estranhos. A felicidade é alimentada pelas relações sociais.

O estado de alerta permanente que provoca a falta de confiança, o stress crónico alimentado pelo medo degenera as defesas e induz a comportamentos de risco e, doenças de desgaste, como se o organismo estivesse sob permanente ameaça. A quebra de bem-estar é tremenda: o excesso de horas de trabalho como causa e efeito da solidão, a desigualdade, a falta de confiança nos outros, a instabilidade familiar, o aumento das doenças mentais, uma diminuição na solidariedade, na honestidade. O nível de infelicidade que sentimos enquanto indivíduos, a insatisfação com o mundo que criámos, a falta de esperança e de fé, estão a levar-nos ao limiar das nossas capacidades de adaptação. Não somos nós que estamos doentes, é o sistema e a sociedade.

Na ausência de relações intimas e sociais, consumimos. A indústria publicitária encontra aqui um maná, pois quanto mais infelizes formos, tanto mais tendemos a compensar com o consumo. Ao consumirmos asseguramos o prolongamento do sistema. Com a desvalorização do trabalho, o desemprego alcança valores inéditos, a quem interessa a perpetuação deste sistema? Não à sociedade, certamente, “*Ce que nous avons devant nous, c'est la perspective d'une société de travailleurs sans travail, c'est-à-dire privés de la seule activité qui leur reste. On ne peut rien imaginer de pire*⁸ » (Hanna Arendt:1961,38)

⁷ “A origem da crise assenta no consumo bulímico dos americanos e o último sobre a sua crescente pobreza relacional”

⁸ “O que temos diante de nós, é a perspectiva duma sociedade de trabalhadores sem trabalho, quer dizer privados da única actividade que lhes resta. Não se pode imaginar nada de pior”

Neste jogo subliminar de manipulação, as crianças são um alvo muito fácil e também elas são cada vez mais infelizes, a pressão para o consumo a que são sujeitas, também as aliena do seu bem estar, “The problem is that we have transformed children into small adults and made their lives similar to ours, especially in those aspects that make us unhappy⁹” (Bartolini, 2010:28).

O *sentido de possibilidade* é uma capacidade exclusiva da espécie humana, determinante para a sua evolução e sobrevivência. Nas crianças e jovens é particularmente activo, no entanto é oprimido pelo aparelho educativo, família e media que o inibem e transferem as suas capacidades para a esfera da posse. Determinante para o prazer na produção, participação e colaboração, confinam esta capacidade extraordinária à aquisição, ao lucro e à competição, gerando a alienação dos indivíduos e a ausência de identidade para com a sociedade que os envolve, criando mesmo a anomia social e a ausência de sentido de responsabilidade. Todas as acções deste sistema têm resultado na castração a que foi sujeita esta capacidade humana extraordinária, de possibilidade ou livre imaginação que tem sido ao longo da História o motor da evolução da espécie humana, o aparelho social preserva-se pela repressão a que a sujeita.

A sensação de catástrofe social é inevitável na sociedade ocidental e deixa-nos prostrados e deprimidos perante a ingovernabilidade do caos em que caímos, o que nos leva a sentirmo-nos mais infelizes e para nosso consolo “comemos”, desesperados, consumimos como se não houvesse amanhã, porque pelo menos ai o conforto é imediato e, assim nos vamos iludindo e... destruindo o planeta. Nesta sociedade global em que o poder dominante é o económico-financeiro e em que a prioridade política são os sistemas financeiros, com os seus ratings e austeridade, as pessoas e o seu bem-estar ficaram para último plano.

O poder para mudar

⁹ “O problema é que transformámos as crianças em pequenos adultos e tornámos a sua vida semelhante à nossa, especialmente naqueles aspectos que nos tornam infelizes”

Se bem que as organizações internacionais estejam vocacionadas para promover o bem-estar dos povos, na verdade são desprovidas de poder real, pois são os governos que decidem e não os tecnocratas que as compõem. Os processos de governança, embora inatos à natureza humana pois já se reunia o conselho da tribo para decidir, são o espírito da democracia. Distorcido quando começámos a pagar a alguém para nos representar nos órgãos de discussão e decisão colectiva, também aqui ocorreu a substituição das motivações intrínsecas pelas extrínsecas, nos nossos políticos, como dizia Max Weber “ Ou se vive para a política, ou se vive da política”.

Dos factos apresentados conclui-se que o crescimento económico de uma nação não contribui para a felicidade da sua população, os esforços deveriam ser reorientados para a melhoria do Bem-estar através da promoção do capital social. O que por sua vez estando assegurado iria promover um crescimento mais sustentável, efectivo e até com mais actividade económica. Bartolini refere que as políticas públicas deveriam promover o desenvolvimento sustentável, indicando os domínios em que se deveria trabalhar, sendo que o primeiro seria o urbano e territorial, depois o educacional, o laboral, o sistema de saúde e os meios de comunicação.

O trabalho de um sociólogo é, como dizia Giddens, o de afirmar o óbvio, com a novidade que desenvolve bases científicas e provas para as suas afirmações, deixando estas de ser uma opinião, que todos temos, mas nem todos somos sociólogos, pois este distingue-se por ser aquele que emite o óbvio fundamentando-o. Neste contexto, o contributo que pode dar enquanto cientista, para além de comunicar e difundir os resultados para que a sociedade tome consciência de si mesma; é ainda mais pertinente aquele, o de indicar caminhos para a resolução dos problemas que colectivamente nos atormentam, munido do conhecimento profundo da realidade e não somente de teorias, pois como sonharam todos os pais fundadores da sociologia, talvez já nos encontremos finalmente aptos para operacionalizar o conhecimento da sociedade que vimos coligindo há 200 anos.

É preponderante para o sucesso da sociedade que as políticas públicas ou até mesmo as alterações a introduzir numa comunidade local, sejam consensuais, sejam discutidas e sobretudo sejam interiorizadas pela população, num processo participativo que é ele próprio pedagógico, promotor da discussão esclarecida, do desenvolvimento da consciência colectiva e para uma acção colectiva mais justa. Desta forma está-se a contribuir para o fortalecimento da auto-estima individual, para a libertação do sentido de possibilidade e para a prática da cooperação intrínseca, desenvolvendo colectivamente as capacidades da população e criando melhores cidadãos – empowerment -. Estes processos de acção colectiva são uma das condições para que o desenvolvimento sustentável seja efectivo – a governança -.

A crise económica e financeira que atravessamos está a destruir o tecido social, este sistema já não nos serve! Manifestação deste desagrado é a acção colectiva que diariamente sai à rua a exigir a mudança, demonstrada por todas as cidades do mundo, com pessoas a manifestarem-se oriundas de todos os estratos sociais e espectros de cor política; de todas as idades contra a política actual, como quem grita *contra os partidos, todos unidos*. Nunca na história humana conhecida houve tanta indignação e consenso sobre o que queremos. Estamos a viver o colapso da civilização capitalista, o poder estará nas mãos do povo.

No entanto, também estamos a viver o germinar de uma consciência colectiva esclarecida, como nunca houve outra na história humana conhecida. A produção de conhecimentos científicos e tecnológicos sobre todas as áreas da vida e da humanidade, projectou o nosso discernimento colectivo para outro nível. As *redes* de comunicação puseram-nos a falar todos uns com os outros. Todos estamos de acordo naquilo que queremos – Bem estar – (um abrigo, agasalho, alimento e) acesso ao desenvolvimento de todas as capacidades que temos enquanto seres humanos. Um pouco por todo o lado surgem localmente sinais de adaptação à nova sociedade emergente, novas formas de acção social e finalmente a governança, que começam a esboçar o desenho de uma provável sociedade futura.

A disseminação de exemplos desta economia democrática, para além do observado, é bem explicada pelo professor Roque Amaro, através da Economia Solidária, como alternativa ao sistema financeiro. Contudo, também domínio há que compreender o funcionamento do sistema económico, indissociável do sistema social, recorrendo a conceitos um pouco desconhecidos dos sociólogos, assim.

O trabalho é a capacidade económica de cada um, é a nossa moeda de troca para o que, sozinhos não conseguimos obter. A remuneração dos factores produtivos podem ser sob a forma, de lucro (remuneração do capital), salário (remuneração do trabalho) ou juros (uma actividade do capital de investimento). A economia de mercado rege-se pelo valor de troca e inflaccionaria o valor de uso, para gerar lucros que depois reinveste ou empresta com juros. A desigualdade entre o valor original do produto e o lucro desvaloriza a remuneração do trabalho e a redistribuição de recursos não é justa. Logo, como Marx dizia, é a fonte dos conflitos sociais.

Na perspectiva da economia solidária há a primazia das pessoas sobre o capital, as decisões são colectivas e a redistribuição de recursos é equalitária, os excedentes são reinvestidos na comunidade, numa forma de solidariedade sistémica e multidimensional, sendo compatível com a vida em todas as suas dimensões.

Um bom exemplo do funcionamento desta economia, que também se encontra em expansão pelo mundo, nascida no Vermont, são as *Community Land Trust* ganhou em 2008 o prémio das Nações Unidas para o World Habitat. Os terrenos são propriedade colectiva, gerida pelo conselho da CLT, as casas e lojas podem ser arrendados ou comprados a um custo controlado, a margem de lucro pertence à própria comunidade e não já ao mercado imobiliário e é reinvestida em serviços e manutenção dos espaços colectivos. Promove pequenas iniciativas de negócios e o emprego e sobretudo o território é gerido pelas próprias pessoas, as municipalidades têm assento consultivo no conselho e prestam apoio técnico.

Outro exemplo que me foi dado observar, é os mercados de rua, em França todas as povoações tem mercado de produtores, na rua ou nos largos ao fim

de semana cada qual monta uma banca e vende aquilo que produz livremente, sem encargos.

A ocupação do território e o bem estar

No âmbito profissional, desempenhando funções no Departamento de Gestão Territorial e integrando uma equipe de arquitectos, engenheiros civis e do território e urbanistas, cumpre-nos, neste artigo, procurar demonstrar o contributo que um sociólogo pode prestar nestes serviços, de facto ele foi escrito a pensar nos colegas.

O sociólogo pode dar um parecer sobre se a organização do espaço num projecto é adequada às necessidades das pessoas que o ocupam, no sentido de promover o bem estar da população e evitar danos colaterais, que por vezes a visão exclusivamente da arquitectura, não contempla, nem lhe compete, pois a riqueza de um trabalho vem da equipe que o faz, ninguém planeia sozinho. E uma vez que o espaço determina as nossas vivências, este é o trabalho base na organização social Os grandes instrumentos de distribuição das actividades humanas no território, tais como o Plano Director Municipal, requerem legalmente uma participação da população, tarefa que também incube ao Sociólogo promover; mas acima de tudo compete-lhe como tarefa fornecer um diagnóstico desse território, para que todos estejam munidos da informação para melhor decidir.

Deste modo, o papel de um sociólogo numa equipe de planeamento territorial é, num âmbito mais lato, o de organizar e promover eventos de participação publica, sistematizando a informação sócio-económica em diagnósticos, devolvendo-a à população e servindo de mediador entre esta e os órgãos decisórios. Sem nós a lei que obriga à participação publica nos projectos é cumprida, mas esvaziada do seu espírito, como mais um procedimento burocrático exigido pelos planos directores municipais e planos de urbanização. Se a própria lei é tão perfeita que a prevê e perante o cenário desolador das decisões políticas, parece-nos pertinente esta oportunidade de trabalho.

No território específico de Odemira, o maior do país em extensão geográfica, com 1720km² e 55km de costa preservada, o desenvolvimento industrial nunca teve grande impacto; o que lhe permitiu manter a sua ruralidade até ao presente. Este imenso território remoto, desde sempre foi terra de pouca gente, contando agora com 26 100 habitantes. A sua população é bastante envelhecida (26%) e ainda vive isolada em montes, não obstante o elevado número de apoios criados e da luta contra o suicídio, flagelo deste concelho assimétrico, continua com taxas crescentes, ainda mais no cenário desolador que vivemos no presente. No interior, também, há muitos alemães que aqui se fixaram na década de 80, (pacifistas da critica ecologista do movimento Baden Menhof) vivem dos subsídios em virtude das numerosas crianças que tem e da agricultura de subsistência que aprenderam com os velhotes, devido ao seu elevado número chegaram a reabrir-se escolas (os alemão-tejanitos). No litoral, onde a agricultura intensiva se desenvolveu desde a década de 90, atraiu pela elevada necessidade de mão-de-obra muitos imigrantes de Leste (cerca de 3000 e 45% do distrito de Beja) e mais recentemente inúmeros Tailandeses (que também nos mostram como viver dos recursos de modo sustentável); Ainda em Odemira pelo ensino profissional e Fundação Odemira, vêm também jovens dos Palop's, muitos dos quais acabam por aqui constituir família. Pela primeira vez em 60 anos, este concelho do litoral alentejano não perdeu população, a (média decenal até 2001 era de -16%). Vimos ganhando população graças a esta mistura num concelho com uma taxa de natalidade de 8/mil.

Terra montanhosa e de difíceis acessos, foi outrora terra de homiziados, no séc. XIV eram perdoados os crimes leves a quem se dispusesse a habita-la. O litoral flagelado pelos piratas, obrigava à ocupação do interior e ao desenvolvimento da agricultura que teve um período de ouro com as cortiças, o azeite e os cereais, hoje com os meios de produção abandonados. Nos tempos das rotas comerciais fenícias já era esta, uma terra de riqueza e que permitiu desenvolver-se no SW Ibérico a 1^a civilização com escrita da Ibéria – a Tartássica -.

Odemira, apresenta na faixa da linha costeira europeia, uma mancha branca, que representa os mais baixos índices de desenvolvimento humano. Foi

outrora assim, sem duvida, mas nos últimos anos houve melhorias significativas nos acessos. Os processos participativos de governança da Rede Social (programa nacional) e antes disso as parcerias dos projectos, possibilitaram o investimento racionalizado no desenvolvimento social. De facto localmente, neste território cosmopolita e sui generis, vive-se razoavelmente bem. No entanto também aqui as vilas e aldeias foram vitimas da pressa dos tempos modernos, também aqui se perderam os espaços de convívio, de discussão e de comercio.

Até há cerca de 50 anos as cidades e vilas foram, desde tempos imemoriais, locais de encontro e de socialização. Com o crescimento da especulação imobiliária e o aumento do trânsito, eliminaram-se os espaços públicos, tão queridos sobretudo às crianças e aos idosos. O que veio reduzir a possibilidade das relações sociais que estes espaços propiciavam, aumentando o isolamento e a solidão dos cidadãos em geral, mas sobretudo destas faixas etárias. Importa pois, no domínio do território recuperar e devolver os espaços públicos às pessoas, para a promoção do crescimento do capital social e do Bem-estar colectivo e, para que também as trocas comerciais tomem a primazia em relação ao crescimento económico.

Outrora as cidades cresciam em volta de uma praça pública, mesmo a sua expansão ia criando novas praças, mantendo-se uma proporção equilibrada entre os espaços públicos e os privados. Com a revolução industrial desenvolveram-se os subúrbios, sem identidade urbana e sacrificando o espaço público para a máxima rentabilização dos terrenos. O outro factor que afectou a qualidade de vida urbana e destruiu o tecido social foram os carros e, os carros são perigosos sobretudo para as crianças e idosos, pois impede-lhes a livre circulação no espaço público, onde antes andavam com segurança e o seu estacionamento apropria-se do espaço livre. Os custos com os cuidados a estas faixas etárias sofreram um incremento, pois há maior necessidade de supervisão permanente e de maiores cuidados para compensar o isolamento e a solidão das crianças e dos idosos. Até a evasão para locais com ar puro e sossego, tornou-se uma necessidade imperiosa nas férias, aumentando os

encargos das famílias. As desigualdades fazem-se sentir mais nas cidades, porque tudo o que sustentava o bem-estar de forma gratuita, agora tem de ser comprado. As típicas cidades suburbanas americanas dos últimos 20 anos, são o paradigma da exclusão social urbana, feitas para se circular de carro, sem espaços comuns a não ser o “mall” onde só vai quem tem dinheiro para comprar. Todos os outros não têm para onde ir, não podem sair de casa, não convivem, desconfiam dos vizinhos.

Contrariando esta tendência de desumanização das cidades, um pouco por todo o mundo tem surgido iniciativas para devolver a dignidade às cidades, procurando-se conscientemente transformá-las em lugares aprazíveis, que devolvam aos seus habitantes o bem-estar original, que antes demais é proporcionado pela forma como ocupamos o espaço e a forma como nele nos movemos e organizamos.

Em Bogotá o presidente da Câmara, Peñalosa, iniciou o movimento das cidades felizes, transformando ruas em parques e em autoestradas para ciclistas "Public spaces are not a frivolity. They are just as important as hospitals and schools. They create a sense of belonging. This creates a different type of society - a society where people of all income levels meet in public space is a more integrated, socially healthier one.¹⁰" (Peñalosa 2010, interviewed by Jay Walljasper). Esta iniciativa denominada "Happy cities" procura transformar as ruas e a alma dos espaços urbanos, na crença de que as cidades se podem transformar em motores, não só de crescimento económico, mas de felicidade. Este movimento tornou-se global revolucionando os espaços urbanos com o único propósito de aumentar o Bem-estar, verdadeiras máquinas para produzir felicidade.

Os Parisienses transformaram a avenida Pompidou, desde o Louvre até à Pont de Sully, numa imensa praia durante o verão, banindo o trânsito e transformando-a num espaço de lazer, a *Paris plage*. Na cidade do México, o presidente da Câmara investiu, também, em praias urbanas e ciclovias; em

¹⁰ “Os espaços públicos não são uma frivolidade. Eles são tão importantes como os hospitais e as escolas. Eles criam um sentimento de pertença. Isto cria um tipo diferente de sociedade – uma sociedade onde pessoas de todos os níveis de rendimentos se encontram nos espaços públicos, é uma sociedade mais integrada e socialmente mais saudável”

Seoul numa autoestrada que atravessava o centro da cidade integraram-se parques e fontes de água. Também em Lisboa, a Avenida da Liberdade deu, temporariamente, lugar a hortas e, mais recentemente numa promoção comercial, no Terreiro do Paço. Em muitas cidades as bicicletas são de utilização livre e a circulação do trânsito é restringida e condicionada. As pessoas querem de facto ter pretextos para sair de casa e conviver de forma gratuita.

Um dos precursores desta política foi o corajoso e polémico presidente da Câmara de Montpellier, George Frêche, que contra todos os lobbies e interesses imobiliários decidiu, na década de 70, reconstruir bairros inteiros, criar quase uma nova cidade com proporções neoclássicas feita para as pessoas, para a promoção do seu bem-estar, com largas vias para os peões, acessibilidades plenas para as pessoas que se deslocam em rodas não motorizadas, imensas praças públicas com fontanários, bancos e sombras, muitas esplanadas e comércio em redor, por todo o lado proliferam os pequenos mercados de rua. Uma infinidade de detalhes urbanísticos e de arquitectura fizeram desta cidade um lugar feliz com um permanente fervilhar de gente nas ruas.



Piscina olímpica e mediateca, na longa avenida que vai do Antigone até ao Millenium



Place du número d'or (os cães têm quase estatuto de cidadãos, podem circular nos transportes públicos e existem inúmeros espaços para a sua higiene)





Place de la comédie

Nesta cidade, investiu-se na organização do espaço para a promoção do capital social, o que de facto funcionou. As pessoas parecem mais felizes, interpelam-se confiantemente nas ruas e até o peso das divergências e fundamentalismos religiosos (manifestos no sul de França) são aqui suavizados. Ao contrário do verificado em Lyon, onde descobrir uma árvore ou um banco para sentar é uma odisseia, mas rixas entre os grupos da população são muito fáceis de encontrar.

Aquando da elaboração dos projectos de urbanização há que precaver as necessidades das pessoas, dos requisitos para o seu bem estar e não somente a das componentes viárias e de arquitectura. O espaço tem de facto de ser organizado, para que as pessoas se sintam bem, onde possam circular mais livremente, onde os mais idosos se possam sentar a descansar sobre uma sombra, onde as crianças possam brincar sem perigos e a que todos, mesmo as pessoas de mobilidade reduzida, possam andar sem obstáculos; potenciar o comércio local e o desenvolvimento de pequenos negócios, devolvendo essas ruas aos peões e tornando-as atractivas para os turistas, com elementos

estéticos (arte) que suscitem curiosidade, com boa sinalética a indicar o centro (histórico); preservar o tradicional integrando a inovação, etc; Também é importante, no estádio em que nos encontramos, criar condições para as pequenas iniciativas económicas, tal como os mercados de produtores locais, que para acontecerem precisam também de espaço central, de largos! E não remetidos para a periferia das localidades, causa primeira da decadência das feiras. Aquando da elaboração dos projectos públicos, pode-se ir mais além, pela introdução de elementos que condicionem o comportamento das pessoas para o cumprimento das funções específicas dos espaços, o que para tal é necessário um conhecimento mais aprofundado das dinâmicas sociais e psicossociologia.

Por exemplo, com a implementação do metro de superfície ou um sistema de faixas rápidas e exclusivas para os autocarros, como se fez em Bogotá, tornou-se desnecessário circular de carro, estes ficam estacionados em silos na periferia das cidades. Com estas acções não só se combate o aquecimento global, como com a reconfiguração do espaço urbano se altera a forma como nos movemos, como nos tratamos uns aos outros e como nos sentimos. Para além de que os espaços públicos são devolvidos aos cidadãos e pela sua qualificação incentiva-se o pequeno comércio, quer das lojas, quer dos mercados de rua. Podemos ajudar a devolver a Ágora à população e promover a discussão e acção colectiva concertada.

A forma como interagimos com o território que ocupamos é determinante para o nosso bem-estar. Cientes desta necessidade e partindo da componente psicológica sobre a qual se constrói a confiança, enraizada nas actividades colectivas que asseguravam a sobrevivência nos primórdios da humanidade, só possível pela coesão do grupo e que garantiam essas relações de confiança. A nossa natureza é gregária e quando a confiança desce a níveis inaceitáveis, a anomia social cresce e a sociedade entra em colapso. Como já vimos anteriormente, as relações de confiança estão em crise no nosso mundo, numa crise profunda e transversal a toda a sociedade, ainda mais flagrante onde as desigualdades são maiores. As condicionantes humanas ancestrais, não sofreram alteração com a nossa evolução, cooperar com os outros ainda

nos faz felizes, mas tal não é possível se não houver confiança. Na posse desta consciência, os Técnicos passam a ter a responsabilidade acrescida de preocupação com o capital social aquando do planeamento e ordenamento do território, pois a forma como utilizamos as ruas e os espaços pode tornar-nos melhores cidadãos.

O espaço público também é e, sobretudo, ele, um meio de reforçar os laços de confiança dos cidadãos, a forma como o utilizamos pode tornar-nos mais felizes ao fomentar o convívio e incrementar a confiança que temos uns nos outros. Montgomery defende que a forma como nos movemos na cidade, a pé ou de bicicleta, ajuda a construir a confiança. A possibilidade de estabelecermos contacto visual e percepçãoarmos os movimentos corporais dos outros cria um laço infinitesimal que nos apazigua. A interacção positiva torna mais provável que sejamos mais simpáticos uns com os outros, quanto menos nos deslocarmos de carro e mais de forma a nos cruzarmos fisicamente, tanto mais a confiança será reforçada e por esta ordem de ideias, mais coesa será a sociedade.

O contacto visual que se estabelece quando nos cruzamos permite-nos avaliar instantaneamente a segurança ou confiança que o outro nos inspira. Assim, quanto maior for a frequência da interacção positiva, mais simpáticos e gentis tenderemos a ser. Um estudo de Helliwell (em Montgomery) sobre cidades canadianas, revelou que os bairros mais felizes eram os que revelavam níveis elevados de confiança e que pessoas confiantes e felizes mais provavelmente se oferecem como voluntários, votarão e devolverão carteiras a estranhos, ou seja serão melhores cidadãos.

Peñalosa justificou da seguinte forma a criação de *Happy cities*: “ We need to walk, just as birds need to fly. We need to be around other people. We need beauty. We need contact with nature. And, most of all, we need not to be excluded. We need to feel some sort of equality.¹¹” De facto as suas inovações reduziram em um terço os acidentes, o trânsito tornou-se mais eficaz ; estudos

¹¹ “Precisamos de andar, tal como os pássaros precisam de voar. Precisamos de estar perto de outras pessoas. Precisamos de beleza. Precisamos de contacto com a natureza. E, acima de tudo, precisamos de não ser excluídos. Precisamos de sentir alguma forma de igualdade”

psicológicos revelaram que o optimismo disparou e a taxa de criminalidade desceu cerca de 40%.

O ordenamento do território implanta o quadro de vida e de actividade das gerações vindouras, não se pode focar sobre as dificuldades do presente, deve ser uma reflexão a longo prazo. O plano é a curto prazo, dai se diferenciar do ordenamento onde se integra, como peça. Também nesta mesma linha temporal do longo prazo, assenta a perspectiva do Desenvolvimento Sustentável.

Que Desenvolvimento

O conceito de desenvolvimento sustentável foi primeiro definido em 1987 no relatório Brundtland, publicado pela Comissão Mundial sobre o Ambiente e Desenvolvimento, assim baptizado devido à presidente norueguesa Gro Harlem Brundtland, o documento intitulava-se “Our common future”. A definição mais completa e universalmente aceite é a que nele consta: “O desenvolvimento sustentável é um desenvolvimento que responde às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de responder às suas”.

No actual cenário como é possível que a toda poderosa sociedade actual não possa resolver os problemas que a dilaceram. Talvez porque as suas antigas instituições já não estejam adaptadas à natureza dos novos problemas. Apesar das grandes ideias para o desenvolvimento sustentável, dos anúncios urgentes dos cientistas, da agonia do planeta, da economia, do sistema político e da sociedade. Não houve mudança de rumo!

É necessária a tomada de consciência, a mobilização pelo medo é infrutífera porque se torna banal de tanto que somos bombardeados pelos media. É urgente sim, que raciocinemos para além da manipulação pelo medo e pela culpa, como diz Max Dublin “ Notre époque est certes une époque où nous avons très peur, mais ce qui est extraordinaire c'est qu'elle semble être la

première époque où la peur est réellement célébrée comme une vertu¹² » (Puech, 2010 :28). Assim, resguardados no medo que temos do apocalipse eminentes, conformados, vamos delegando nas instituições, a quem compete o papel que desde sempre lhes atribuimos, de resolver os nossos problemas comuns.

Contudo as instituições são limitadas na forma como estão organizadas e actualmente com a evolução exponencial e sistémica, não sabem para onde dirigir a sua energia, perderam o controle. A termo terão de ser reinventadas, reconstruídas a partir da sua base, a partir da acção das pessoas humanas. Entretanto fazem-nos crer que são elas o motor da acção colectiva “ Le contresens initial fut de confier à ceux qui nous ont conduits dans la situation dont nous voulons sortir...la tâche de nous en sortir. Et non seulement ils ne refusent pas cette tâche, mais ils s'en attribuent même l'exclusivité¹³ » (Puech, 2010: 98). O que este autor propõe não é a destruição das instituições democráticas, simplesmente desinvestir delas o enquadramentos da acção colectiva. Retirar delas o investimento das nossas energias e das nossas esperanças para alterar a situação e atribuir-lhes papéis noutras tarefas, que não aquelas que se relacionam com o desenvolvimento sustentável, pois não é através da sua acção que o iremos alcançar e realizar. Bem pelo contrário transformaram o verde em cinzento, ao afundar em burocracia todas as iniciativas verdes, são sim os obstáculos institucionais o verdadeiro problema do desenvolvimento sustentável. Assim é com o poder e, não com a natureza, que a modernidade tem um problema.

Ignacy Sachs ao comentar a cimeira do Rio de 1992, afirmou “ mais uma vez, um pouco por todo o mundo, os políticos apropriaram-se da fraseologia do desenvolvimento sustentável, mas esvaziando-o do seu conteúdo. Como se os computadores dos ministérios tivessem sido reprogramados de modo a substituir automaticamente todas as referências ao crescimento económico pelo termo desenvolvimento durável » (1994:35). Passados 20 anos e de

¹² A nossa época é certamente uma época em que temos muito medo, mas o que é extraordinário é que ela parece ser a primeira época onde o medo é realmente celebrado como uma virtude”

¹³ “O contrassenso inicial foi o de confiar àqueles que nos conduziram à situação da qual queremos sair a tarefa de nos fazer sair dela. E não só eles não se recusaram esta tarefa, como se atribuem mesmo a exclusividade de a realizar”

retorno ao Rio de Janeiro para mais uma cimeira da Terra, os avanços para salvarmos o nosso planeta resultaram incipientes ; a preocupação dos governantes é salvar o sistema financeiro, o qual continua a ser o sector determinante nas decisões enquanto que o desenvolvimento sustentável continua a ser ainda uma utopia, « The efforts of governments are concentrated not on defending the living Earth from destruction, but on defending the machine that is destroying it¹⁴ » (Monbiot, The Guardian, 25/6/2012). Como nos diz Michel Puech, « développement durable n'est pas le nom d'une solution, c'est le nom d'un problème¹⁵ » (p. 28), quanto ao rumo que parecemos não encontrar, acrescenta ainda o autor que: “le défi du développement durable ou de la « soutenabilité » est de conduire la coévolution entre les humains, la nature et les artefacts, de manière à ce que l'humain puisse être humain selon le meilleur de ses possibles, dans un monde où la nature conserve sa place et sa valeur, et où les artefacts ne déshumanisent pas leur créateur¹⁶ » (p.8). Ou alcançamos este novo estádio de consciência colectiva ou estamos condenados.

A história e os ricos conhecimentos arqueológicos actuais revelam-nos que a razão da queda das civilizações teve sempre a ver com o comportamento humano, sobretudo em relação ao seu habitat e, pela sua destruição colapsaram. A montante dos acontecimentos esteve sempre o poder político, as decisões tomadas, a imbecilidade dos chefes, o afundamento das elites e uma perda do sentido de bem comum (E. Ostrom) que deveriam administrar. Puech citando Joseph A. Tainter refere que a tendência dos governos para a resolução destes sintomas de colapso é a de desenvolverem mecanismos cada vez mais complexos, mais pesados e onerosos, que em vez de funcionarem, diminuem os recursos existentes acelerando deste modo o colapso eminentemente, chama-lhe o *fenómeno da rentabilidade decrescente da complexidade*.

¹⁴ “Os esforços dos governos estão concentrados não a defender a Terra viva da destruição, mas a defender a máquina que a está a destruir”

¹⁵ “O desenvolvimento sustentável não é o nome de uma solução, é o nome de um problema”

¹⁶ “O desafio do desenvolvimento durável, ou da sustentabilidade é de conduzir a coevolução entre os humanos, a natureza e os artefactos, de maneira a que o humano possa ser humano segundo o melhor das suas possibilidades, num mundo onde a natureza conserve o seu lugar e o seu valor, e onde os artefactos não desumanizem o seu criador”

Parece-nos familiar este enredar com perda de perspectiva?! A catástrofe não é de facto verde, ela é cinzenta da cor da burocracia! Continua o autor citado, que as civilizações não se extinguem sob o efeito dos problemas que se lhes deparam do exterior, nem dos problemas que elas próprias criam pela sua acção no mundo, elas colapsam de facto sobre o efeito das respostas inadequadas com que procuram responder a esses problemas (Puech,2010:103).

Para rompermos o vórtice em que cairmos, não precisamos de conhecimentos superiores e abstractos que reforçem ainda mais os poderes instituídos. Temos sim que restabelecer os mecanismos da acção colectiva informada, em que o conhecimento é partilhado, globalizado e não já o domínio exclusivo de experts. Implica uma mudança de mentalidades, de práticas e de modelo civilizacional, aliás estes germens de mudança já existem de facto. Estamos a alcançar a idade do Desenvolvimento participativo de John Friedman, sem delegações de poder em que a eficácia da acção colectiva é legitimada pela participação equalitária dos cidadãos no poder, a democracia não poderá vingar.

Optimisticamente, Puech considera que estamos agora a atravessar a 3^a revolução da humanidade, sendo que a 1^a foi a do neolítico (que nos permitiu criar uma cultura material e simbólica, distanciando-nos das outras espécies e criar civilizações), a 2^a foi a industrial (que nos permitiu ter poder sobre a natureza). A presente e, 3^o revolução é à escala do individuo, para que a pessoa seja sustentável, no sentido mais completo do termo. A revolução não é exterior, não é nas ruas, nem com violência; é interior, em cada um de nós, a mudança de hábitos e de atitudes para com o mundo que o rodeia e para com os seus congéneres. Engloba 3 esferas: a mais pequena economia (porque esta está ao serviço dos humanos e não o contrário), a humana e, a maior a da natureza, na qual o Homem se integra.

Jacques Attali, eminente sociólogo da República Francesa, é de opinião semelhante, acredita que o nosso futuro é a fraternidade, último projecto do mote humanista – *liberté, égalité, fraternité* -, ainda por concretizar. O que

atravessamos agora não é a eminente destruição, nem a concretização do apocalipse descrito por São João, é sim um salto civilizacional e estas são as dores de crescimento da Humanidade.

Cidália Machado

25/09/2012

*Man is here for the sake of other men, especially of those on
whose smile and well-being our happiness depends.¹⁷*
Albert Einstein

Bibliografia

Arendt, H. (1961). *Condition de l'homme modern*. Callman -Lévy.

Bartolini, S. (2010). Obtido de Manifesto for Happiness: shifting society from money to well being: <http://www.econ-pol.unisi.it/bartolini/papers/MANIFESTO.pdf>

Bartolini, S. (October 2009). Sociability predicts hapiness over time: evidence from macro and micro data. *the third OECD world forum on "statistics, knowledge and policy"*. South Korea.

¹⁷ "O Homem está aqui por causa dos outros homens, especialmente daqueles em cujo sorriso e bem estar a nossa felicidade depende"

- Clement, F., & Tjoelker, T. (1992). *Gestion Stratégique des Territoires*. Paris: L'harmattan.
- Crozier, M., & Friedberg, E. (1977). *L'acteur et le système*. Paris: Éditions du Seuil.
- Dubus, N., Helle, C., & Masson-Vincent, M. (1 de 2010). *De la gouvernance à la geogouvernance: de nouveaux outils pour une démocratie locale renouvelée*. Obtido em 18 de 04 de 2012, de L'espace politique: revue en ligne de géographie politique et de géopolitique: <http://espacepolitique.revues.org/index1574.html>
- Espinosa. (2008 (1677)). *Tratado politico*. Maia: Circulo de Leitores.
- Galinha, I., & Ribeiro, J. P. (6 de 2005). História e evolução do conceito debem estar subjectivo. *Psicologia, saúde & doenças*, pp. 203-214.
- Giddens, A., & Jonathan, T. (1987). *Social theory today*. Cambridge: Polity press.
- Godard, F. (. (1997). *Le gouvernement des villes*. Paris: Descartes & Cie.
- Jung, J. (1971). *L'aménagement de l'espace rural*. Paris: Calmann-Lévy.
- Lacaze, J.-P. (1995). *L'aménagement du territoire*. Paris: Flammarion.
- Montgomery, C. (s.d.). Obtido de From Paris to Bogotá, urban spaces are undergoing a radical transformation with one thing in mind: your well-being: <http://www.8-80cities.org/articles/>
- Montgomery, C. (s.d.). Obtido de The rise and fall of great cities:
<http://www.Thehappycity.com/2011/04/the-rise-and-fall-of-great-cities/>
- Ostrom, E. (1990). *Governing the commons*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Peñalosa, E. (02 de 07 de 2010). Yes magazin. Obtido de Happy cities for the global south: interview with Enrique Peñalosa: <http://www.yesmagazine.org/happiness/happy-cities-for-the-global-south-interview-wth-enrique-penalosa>
- Puech, M. (2010). *le développement durable: un avenir à faire soi-même*. Paris: Le Pommier.
- Sachs, I. (1994). *Histoire, culture et styles de développement: Brésil et Inde - esquisse de comparaison* (UNESCO/CETRAL ed.). Paris: L'harmattan.
- Wilkinson, R., & Pickett, K. (2010). *The spirit level*. London: Pinguin.